

Luís Guilherme Fagundes - O que nos contam os periódicos: os desastres ambientais em Santa Catarina de meados do século XIX até o XX

O que nos contam os periódicos: os desastres ambientais em Santa Catarina de meados do século XIX até o XX

Luís Guilherme Fagundes
luisguilhermefagundes@gmail.com
 Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O objetivo deste trabalho é, sob o viés da História Ambiental, analisar de que forma os principais jornais catarinenses retratam as notícias sobre os desastres socioambientais, ocorridos no Estado de Santa Catarina, a partir da segunda metade do século XIX, até o término do século XX. A História Ambiental considera os desastres socioambientais como acontecimentos problemáticos resultantes da complexa relação entre ser humano/natureza. Logo, examinar o modo como esses eventos são representados ao longo dos anos, contribui para a compreensão sobre as percepções do mundo natural. A História Ambiental reconhece que formas vivas e não vivas do sistema terrestre afetam a vida dos seres humanos. Os impactos e as mudanças causadas pelos agenciamentos humanos no mundo natural ocorrem há algum tempo e são mutuamente condicionados. Desta forma, os desastres são socialmente construídos, pois é a partir da contraditória relação com o meio ambiente que os mais diversos grupos humanos enfrentam as consequências dos desastres.

PALAVRAS-CHAVE: História Ambiental; Desastres Ambientais; Santa Catarina.

ABSTRACT: The purpose of this poster is under of Environmental History, to examine how major newspapers portray Santa Catarina news on social and environmental disasters, in the State of Santa Catarina, from the second half of the nineteenth century until the end of the twentieth century. The Environmental History considers the social and environmental disasters as events resulting problem of the complex relationship between human/nature. Therefore, to examine how these events are represented over the years, contributes to understanding the perceptions of the natural world. The Environmental History recognizes that living and nonliving forms of the Earth system affect the lives of human beings. The impacts and changes caused by human assemblages occur in the natural world for some time and are mutually conditioned. Thus, disasters are socially constructed, it is from the contradictory relationship with the environment that the various human groups face the consequences of disasters.

KEYWORDS: Environmental History; Environmental Disasters; Santa Catarina.

What papers tell us: environmental disasters in Santa Catarina mid-nineteenth century to the twentieth

Os seres humanos no decorrer do tempo têm promovido grandes alterações no meio ambiente, sem se preocuparem com as consequências. Isto aconteceu, e continua a acontecer,



em todos os períodos históricos. A interação com o desastre ora se dá em forma de desafio, ora em forma de ameaça, onde a sobrevivência de grupos humanos depende de escolhas sociais, culturais e econômicas que às vezes ameaçam a capacidade dos sistemas naturais de suportar e fornecer subsídios necessários para a espécie humana. Esse trabalho tem por objetivo analisar de que forma os periódicos¹ catarinenses noticiavam os eventos extremos ocorridos no estado, contribuindo para a compreensão sobre as percepções das pessoas acerca do mundo natural ao longo do tempo. Além disso, visa contribuir para a construção de uma periodização a respeito dos desastres ambientais ocorridos no estado, não com a intenção de enquadrá-los em estruturas rígidas, mas para facilitar pesquisas futuras com esta mesma temática. É por este motivo que se aceita o desafio de um corte cronológico tão extenso, tendo a consciência de que são necessários inúmeros outros estudos que aprofundem essas discussões iniciais apontadas neste trabalho.

A História Ambiental é utilizada como chave teórica para este artigo, visto que tem como objetivo principal “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”². Segundo este referencial teórico, a experiência humana ao mesmo tempo em que condiciona, também é condicionada pelo meio. Desta forma, os desastres ambientais podem ser entendidos como acontecimentos resultantes da complexa relação ser humano/natureza, ou seja, são eventos socialmente construídos, já que é a partir da contraditória relação com o meio ambiente que os mais diversos grupos humanos enfrentam as consequências dos desastres.

Este trabalho é resultado de análises feitas a partir de notícias que envolvem desastres ambientais coletadas principalmente nos periódicos *O Despertador*, *O Mensageiro*, *A Voz de Chapecó*, *Jornal da Semana* e *Diário Catarinense* que circularam em Santa Catarina entre 1850 e 1980. Analisando as fontes foi possível distinguir três momentos. São eles:

1º) Segunda metade do século XIX ao início do século XX³. Neste primeiro momento as notícias a respeito de eventos extremos possuem poucas linhas; as informações

¹ Estes periódicos são jornais de época que pertencem ao acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, BPESC.

² WORSTER, Donald. “Para fazer história ambiental”. In: *Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 1991, p. 200.

³ A escolha por iniciar a periodização nesta data está relacionada ao fato de que não se tem acesso a periódicos produzidos antes de 1850, apesar de existirem indícios de que em meados do século XVIII, mais precisamente nos anos de 1748, 1762 e 1768 ocorreram grandes tempestades que destruíram plantações e mataram inúmeros animais, evidenciando a antiga relação dos seres humanos com os eventos extremos nesta região.

Luís Guilherme Fagundes - O que nos contam os periódicos: os desastres ambientais em Santa Catarina de meados do século XIX até o XX

são pouco precisas e chegam à tipografia através de cartas dos próprios leitores; o número de pessoas afetadas é baixíssimo; os prejuízos são quase que unicamente na agricultura.

2º) Do início do século XX até as décadas de 1950 e 1960. Neste período as notícias ganham mais informações; os prejuízos não se limitam apenas à agricultura; a burocracia aparece como fator prejudicial na resposta do governo aos desastres e nota-se uma preocupação, apenas de cunho econômico, com a falta de recursos naturais no futuro.

3º) A partir da década de 1970. As matérias desse período ocupam várias páginas; as informações são altamente detalhadas; um grande número de pessoas é afetado; os prejuízos são muito maiores e generalizados e a burocracia ainda aparece como complicador das ações governamentais pós-desastre.

Essa divisão em períodos tem a intenção de facilitar a análise das mudanças e permanências que ocorreram na forma de veiculação das informações sobre os desastres ambientais, assim como do próprio conteúdo publicado e as características dos eventos, com a intenção de atingir da melhor maneira possível os objetivos deste trabalho.

Analisando os periódicos da segunda metade do século XIX, pode-se perceber que existiam sérias dificuldades de comunicação e locomoção na província de Santa Catarina, o que dificultava a aquisição de informações a serem veiculadas. Os jornais dessa época possuíam edições limitadas, tanto em conteúdo como em circulação, sendo a distribuição semanal. As notícias a respeito dos desastres ambientais acompanham essas características. Assim, se apresentam com pouquíssimas linhas, muitas vezes misturadas em uma mesma coluna com outras notícias diversas e com dados não muito precisos:

Por uma carta, com que nos obsequiou um amigo da Laguna, soubemos que ali choveo [sic] vinte e tantos dias, e que com isso muito soffreu [sic] a agricultura. Os entendedores d'ali avalião [sic] a perda do feijão em muitos contos de reis. Ainda em cima destes prejuízos [sic] havemos de ter atravessadores de gêneros⁴.

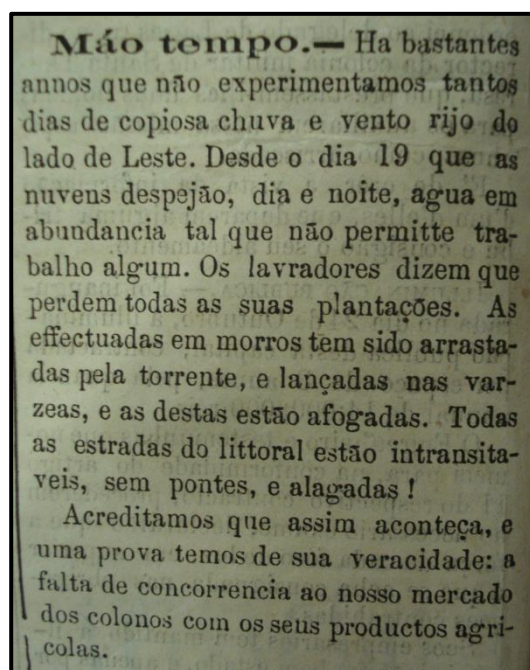
Esta é uma notícia do ano de 1856, transcrita na íntegra. Os termos “*choveo vinte e tantos dias*” e “*muitos contos de reis*” evidenciam a imprecisão das informações. Além disso, nota-se também que a informação chegou até o editor através de uma carta escrita por um “*amigo*”, o que nos leva a supor que a procedência seria um indício de veracidade para o jornalista. Esta questão fica ainda mais clara no seguinte trecho de outra notícia: “Agora

⁴ Crônica semanal. *O Mensageiro*, Desterro, 04 jun. 1856, p. 3.



Luís Guilherme Fagundes - O que nos contam os periódicos: os desastres ambientais em Santa Catarina de meados do século XIX até o XX

mesmo com as poucas aguas que cahiram, a estrada tornou-se impraticavel, como se vê da seguinte informação dirigida por pessoa fidedigna residente no arraial da Palhoça”⁵.



Diversas Occurrencias. *O Despertador*, Desterro, 30 jan. 1869, p. 03. Acervo do autor.

Os eventos que mais são registrados como causadores de estragos, neste período, são as “*chuvas torrenciais*”, que por vezes provocam inundações. Os prejuízos mais comuns são causados na agricultura e nas poucas vias de transporte: “As chuvas torrenciais que cahirão ultimamente causaram bastantes prejuízos á lavoura em diversas localidades e danificarão as estradas do nosso litoral”⁶.

No século XIX, o governo não possui condições ou então se mostra muito despreparado para agir na situação do pós-desastre – e nesse momento nem se cogitam ações preventivas – por isso muitas vezes são os próprios civis, organizados ou não pelo Estado, que na medida do possível agem para reestabelecer a normalidade da situação:

São assaz deploraveis taes acontecimentos, principalmente em nossa provincia, tão necessitada de vias de comunicação, e de meios para acudir de prompto aos reparos de mais urgencia. Consta-nos que o subdelegado da freguezia de Santo Amaro do Cubatão reunira algumas pessoas e conseguiu collocar a ponte no seu lugar, apesar de estar muito arruinada⁷.

⁵ A estrada de S. José á Lages. *O Despertador*, Desterro, 23 fev. 1877. p. 1.

⁶ Desastres e prejuízos. *O Despertador*, Desterro, 05 dez. 1868, p. 2.

⁷ Idem.



As poucas notícias que citam o governo geralmente possuem um tom de denúncia do mau uso do dinheiro público e da pequena eficácia das obras já executadas, ou então são uma espécie de reclamação das condições de algumas estradas, visto que nesta época as pessoas consideravam que tinham “o dever de pela imprensa, bradar”⁸ a fim de provocar nos poderes competentes medidas que produzissem melhoramentos.

Com o início do século XX, sobretudo a partir da década de 1940, o fluxo de informações aumenta, assim como o número de jornais, e as notícias sobre os desastres⁹ ganham cada vez mais informações. Além disso, a precisão dos dados também melhora, pois é comum encontrar matérias que trazem os prejuízos calculados em moeda corrente, assim como os recursos destinados às obras de reparo dos estragos causados pelos desastres. O que chama a atenção é o fato de que neste momento, o governo passa a aparecer com muito mais frequência, seja como alvo de críticas – a burocracia é citada como algo que retarda o recebimento de recursos financeiros do Governo Federal aos municípios atingidos – seja por suas políticas públicas, que ainda são basicamente de caráter paliativo:

Concórdia, (...), pela ação imediata de seu Prefeito Municipal, construiu e reparou todas as obras danificadas, avultando, segundo estamos informados, o dispêndio de, aproximadamente, dois milhões de cruzeiros¹⁰.

Ainda se faz necessário ressaltar que, nesse período, pode-se identificar um discurso que prega o “reflorestamento das matas” e a preocupação com as gerações futuras, que poderia ser interpretado, erroneamente, como sendo de caráter ecologista ou ambientalista:

As serrarias trabalham incessantemente, os pinheiros são abatidos, os pinhaes desaparecem, vão desaparecendo pouco a pouco. Sim, está muito bem, no presente, mas os senhores madeireiros, serradores, exportadores, deviam corresponder á proteção divina, fazendo a replantação das arvores abatidas, o reflorestamento das matas extintas. Se não ha necessidade de

⁸ Estes termos são de época e foram retirados da notícia intitulada: O estado da estrada de Lages à S. José, comunicando com esta capital, é máo, e pode se mesmo dizer – péssimo. *O Despertador*, Desterro, 11 abr. 1867, p. 3.

⁹ É importante ressaltar que raramente nos periódicos de época é utilizado o termo “desastre”. Os termos mais usados eram “copiosas chuvas”, “chuvas torrenciais” e “catástrofe”, mas neste trabalho convencionou-se chamar todos esses eventos de desastres ambientais.

¹⁰ Os danos causados pelas enchentes de 1951. *Jornal da Semana*, Concórdia, 24 ago. 1954, p. 01.

Luís Guilherme Fagundes - O que nos contam os periódicos: os desastres ambientais em Santa Catarina de meados do século XIX até o XX

pensar nos filhos, porque estes ainda terão abundância, convinha pensar nos netos, bisnetos, nas gerações de amanhã. Deviam pensar, é, mas, pensarão? Estamos quasi duvidando¹¹.

Mas na verdade, esse discurso tem uma preocupação unicamente econômica, e busca preservar os recursos naturais, com a intenção de poder explora-los por mais tempo.



Destruição e flagelo. Águas ainda sobem. *O Estado*, Florianópolis, 13 jul. 1983, p. 01. Acervo do autor.

Com a chegada da década de 1970, a quantidade de informações cresce consideravelmente, as notícias tomam páginas inteiras e, por vezes, mais de uma. O detalhamento das informações chega a um nível elevado, e são descritas até mesmo as horas e os minutos em que ocorreram os fatos.

Alguns fatores naturais, como a intensidade das precipitações, a declividade dos morros, as discontinuidades texturais do solo, explicam a recorrência de enchentes e deslizamentos, por exemplo. Todavia, inúmeras modificações relacionadas à urbanização inadequada, como a impermeabilização de solos, aterros, canalização e retificação de

¹¹ Enchente do Rio Uruguai. *A Voz de Chapecó*, Chapecó, 07 nov. 1948, p. 02.

Luís Guilherme Fagundes - O que nos contam os periódicos: os desastres ambientais em Santa Catarina de meados do século XIX até o XX

córregos e retirada da cobertura vegetal, intensificam a gravidade desses fenômenos, que continuam muitas vezes sendo tratados como eventos “excepcionais”¹².

Dessa forma, o forte crescimento dos prejuízos causados por eventos extremos nesse período pode ser relacionado ao processo de urbanização das cidades catarinenses, sobretudo a partir da década de 1960. Assim, quando se trata de desastres ambientais, é preciso compreender que as ações antrópicas também são preponderantes, como neste caso:

Estas enchentes provocadas pelas enchurradas nada tem haver com o nível do Rio Itajaí-Açú, são um problema especificamente local. Acontece que anos passados, em um certo trecho, foi canalizado um rebeirão que margeia a estrada. Entretanto os tubos empregados para a realização da obra, não se sabe porque, deixam muito a desejar. Seu diâmetro mal dá vazão a água normal do citado ribeirão, tornando-se completamente impotente quando ocorre qualquer enchurrada¹³.

Além dos prejuízos materiais, a intensificação dos desastres proporcionada pela urbanização provoca um aumento considerável no número de vítimas. Se no século XIX poucas pessoas eram afetadas por uma inundação e quase não se tinham vítimas fatais, agora esse quadro muda. Segundo o *Diário Catarinense* de 05 de abril de 1974, “Apenas em Tubarão oito mil famílias estão desabrigadas”, contabilizando um total de 40 mil afetados, algo impensável para o século XIX.

Os estudos socioambientais tem o objetivo de produzir uma melhor compreensão das transformações que os seres humanos produzem no meio ambiente, a fim de oferecer respostas para as intempéries climáticas que incidem, neste caso específico, sobre Santa Catarina. A História Ambiental, por sua vez, busca compreender a interação entre os seres humanos e o ambiente, percebendo essa relação como uma via de mão dupla, onde tanto os seres humanos condicionam o ambiente, como são condicionados pelo mesmo.

Com a produção de pesquisas preliminares, pode-se debater sobre as diversas explicações oferecidas pela imprensa para o aumento da quantidade dos desastres tidos como de origem estritamente natural. Inicialmente, constatou-se que os desastres são sobretudo acontecimentos socioculturais, pois só se define um desastre a partir da experiência humana do mesmo. Quando um alagamento ocorre apenas dentro de uma floresta, dificilmente o

¹² AFONSO, E. Anice; SILVA, Aline S. da; M. ROSA, André V. “Resiliência em sistemas geomorfológicos complexos: possibilidades e limites na gestão ambiental em áreas sujeitas a desastres naturais”. *Anais do Congresso Brasileiro sobre Desastres Naturais*, Rio Claro-SP, p. 01-11, 2012.

¹³ Tubarão tem 40 mil habitantes a menos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 abr. 1974, p. 01.



Luís Guilherme Fagundes - O que nos contam os periódicos: os desastres ambientais em Santa Catarina de meados do século XIX até o XX

evento é percebido como um desastre; é a dimensão humana no/do acontecimento que produz a noção de desastre¹⁴. Assim, todo desastre é um acontecimento socioambiental, pois nele interagem elementos de ordem ambiental, cultural e social.

A visão sobre a natureza humanizada passou a ser defendida durante a década de 1970, sob a influência política do movimento ambientalista, que percebeu a relação ser humano/natureza como capaz de ocasionar a extinção da própria raça humana. Desta forma,

Em certas situações os fatores biofísicos são decisivos. Em outras a tecnologia ou as visões de mundo podem ser decisivas. Em todas as situações, no entanto, o biofísico, o social, o cultural estão presentes. Nos diferentes casos, o que se percebe são sistemas abertos e que se modificam no andamento da história. Os próprios relacionamentos entre todos os componentes da interação – onde todos são relevantes, mesmo que em diferentes níveis – constroem, destroem e reconstroem inúmeras formas materiais e culturais. No sentido mais profundo, o desafio analítico é o de superar as divisões rígidas e dualistas entre natureza e sociedade, em favor de uma leitura dinâmica e integrativa, fundada na observação do mundo que se constrói no rio do tempo¹⁵.

Portanto, a História Ambiental demonstra que a natureza é criação das ações e das percepções humanas, o que permite entender que cada contexto histórico produz novos significados sobre o mundo natural e que os seres humanos fazem parte do meio natural, derrubando a tradicional percepção da espécie humana como supranatural¹⁶.

Transposição didática: Como usar este artigo em sala de aula

Dentro de uma proposta de educação ambiental, este artigo pode ser utilizado nas escolas para a promoção de debates com o intuito de contribuir: na compreensão dos alunos a respeito das consequências das transformações que a espécie humana produziu e produz no meio ambiente; na definição de desastre como socioambiental, visto que nele interagem elementos tanto de ordem ambiental, como cultural e social e no entendimento de que o ser humano não está em uma condição superior em relação a outras espécies e, portanto, é parte

¹⁴ LOPES, Alfredo Ricardo Silva. “História Ambiental: uma demanda contemporânea”. In: *Cadernos de Pesquisa do Cdhis*, v. 23, n. 2, p. 483-496, Uberlândia, jul./dez. 2010, p. 490.

¹⁵ PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da história ambiental”. *Estudos Avançados*, v. 28, n. 68, p. 81-101, São Paulo, 2010, p. 97.

¹⁶ WORSTER, op. cit., p. 199.



Luís Guilherme Fagundes - O que nos contam os periódicos: os desastres ambientais em Santa Catarina de meados do século XIX até o XX

integrante da natureza. Além disso, este trabalho pode servir para mostrar que existem várias formas de se escrever a história de Santa Catarina, e que esta é uma delas.

Referências

AFONSO, E. Anice; SILVA, Aline S. da; M. ROSA, André V. “Resiliência em sistemas geomorfológicos complexos: possibilidades e limites na gestão ambiental em áreas sujeitas a desastres naturais”. *Anais do Congresso Brasileiro sobre Desastres Naturais*, Rio Claro-SP, p. 01-11, 2012.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. “História Ambiental: uma demanda contemporânea”. In: *Cadernos de Pesquisa do Cdhis*, v. 23, n. 2, p. 483-496, Uberlândia, jul./dez. 2010.

PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da história ambiental”. *Estudos Avançados*, v. 28, n. 68, p. 81-101, São Paulo, 2010.

WORSTER, Donald. “Para fazer história ambiental”. In: *Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 1991.

Notícias

A estrada de S. José á Lages. *O Despertador*, Desterro, 23 fev. 1877, p. 01. Acervo BPESC.

Blumenau em estado de emergência. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 mar. 1974, p. 01. Acervo BPESC.

Crônica semanal. *O Mensageiro*, Desterro, 04 jun. 1856, p. 03. Acervo BPESC.

Desastres e prejuízos. *O Despertador*, Desterro, 05 dez. 1868, p. 02. Acervo BPESC.

Enchente do Rio Uruguai. *A Voz de Chapecó*, Chapecó, 07 nov. 1948, p. 02. Acervo BPESC.

Os danos causados pelas enchentes de 1951. *Jornal da Semana*, Concórdia, 24 ago. 1954, p. 01. Acervo BPESC.

Tubarão tem 40 mil habitantes a menos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 abr. 1974, p. 01. Acervo BPESC.

Recebido em 21 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 04 de junho de 2013.

